

Ligados por um  
passado trágico.

Unidos por  
uma obsessão.

# FIM DA LINHA

VI KEELAND

*Autora bestseller do New York Times*

TOP  
SEL  
LER

*Para o Kennedy,  
que acreditou nesta história antes de mim.*

# CAPÍTULO 1

## AGORA

**N**ós olhávamos assim um para o outro. Antes de *tu* teres estragado tudo.

O homem coloca um cachecol em volta do pescoço da mulher sorridente, depois inclina-se e beija-lhe a ponta do nariz. Forço os meus olhos a afastarem-se da montra da loja e continuo a andar. Talvez mais um quilómetro seja suficiente para espairecer a cabeça e conseguir começar a pensar como deve ser. Para decidir o que fazer com o resto do meu dia. Com o resto da minha vida.

Mais um quarteirão, depois dois. Paro perto da passadeira, atrás de uma dúzia de pessoas. Uma mulher vê as horas no telemóvel, uma criança balança sob o peso da sua mochila cheia de livros, um homem de negócios num fato de cinco mil dólares fala ao telemóvel sobre um negócio que deu para o torto.

Está zangado. Provavelmente precisa de ir ao psicólogo. Quase toda a gente precisa. Até eu.

Principalmente eu.

Uma adolescente fuma uma ganza enquanto abana a cabeça ao som dos auriculares que tem nos ouvidos. Um jovem na casa dos 20 que veste calças de ganga largas e uma t-shirt finge não estar a morrer de frio.

Reparo em algo que os torna diferentes de mim: todos parecem saber para onde estão a ir.

Mas, se calhar, eu também pareço saber. Nos dias que correm, já sou boa a fingir, não sou?

Só que em breve eles estarão em casa com as suas famílias, ou com o seu cão, ou com o seu videojogo, e eu ainda estarei aqui, a andar. À procura de algo, ainda que não saiba o quê. Ainda tenho juízo suficiente para saber que isso significa que poderei nunca o encontrar.

Talvez devesse arranjar um cão. Pelo menos, isso dar-me-ia um propósito para o tempo que passo a andar. Claro que depois teria de o alimentar. Arrastar-me para fora da cama de manhãzinha para o levar à rua antes de ele arruinar os tapetes. Dar-lhe amor e carinho.

Engulo o nó que sinto na garganta. Não sou capaz de me comprometer a fazer nada disso. Principalmente a última parte.

O semáforo muda, a onda de pessoas avança. E eu deixo que ela me leve até ao outro lado da rua. Viro num cruzamento aleatório e, segundos depois, encontro-me rodeada por fachadas em pedra acastanhada. Abrando o passo e outro transeunte passa por mim, apressado. Mais uma pessoa que sabe para onde está a ir.

Uma brisa passa pelas folhas, e os amarelos e laranjas de uma nogueira-do-japão chovem sobre mim. Quase viemos viver aqui em Gramercy Park, numa destas casas acastanhadas. Com um vestíbulo pintado de azul-celeste e um escritório com vista para a cidade. Será que as coisas teriam sido diferentes se tivéssemos escolhido esta casa, em vez do apartamento? Será que essa escolha teria causado um efeito cascata pelas nossas vidas e tu estarias agora aqui ao meu lado?

Permito-me dar asas à imaginação. É o tipo de bairro onde se formam famílias. Talvez já tivéssemos um bebé. Talvez eu tivesse tirado um ano sabático. Talvez tivesse prestado mais atenção e reparado em quão más estavam as coisas entre nós. Se ainda aqui estivesse, provavelmente estarias a caminho de um jogo no Michigan ou no Canadá. O meu consultório estaria a prosperar, em vez de estar em ruínas. Talvez tivéssemos contratado uma *au pair*. Talvez... só talvez.

A tal brisa aparece novamente, infiltrando-se pelo meu casaco aberto. Fecho-o, apertando o cinto com mais força. Estou na rua há horas e devia ir para casa. Mas porquê?

Os ramos das árvores oscilam e uma nova maré de folhas cai sobre os meus sapatos. Uma amarela sobe com o vento e emaranha-se no meu cabelo. Levanto a mão para a tirar quando um táxi passa a alta velocidade a meros centímetros de mim, criando uma onda de vento que me atinge na face. *Caraças*. Nem reparei que o semáforo estava vermelho. Dou um passo atrás, para o passeio, e esbarro contra alguém atrás de mim, quase caindo.

— Minha senhora? Está bem?

Uma jovem na casa dos 20 com uma gabardina da *Burberry*, uma criança de 2 anos ao colo vestida com um casaco igual e com totós, e outro pequenote deitado num carrinho *vintage* a chuchar no dedo.

Uma onda da cascata, um vislumbre daquilo que poderia ter acontecido. Daquilo que nunca acontecerá por *tua* causa.

Levo a mão ao bolso do casaco e toco no porta-chaves. No *teu* porta-chaves. Naquele que me relembra de todos os nossos sonhos. Ele acalma-me. Tanto quanto me posso acalmar nos dias que correm.

— Minha senhora? — A mulher que eu já tinha esquecido aproxima-se. — Está bem?

Desvio o olhar, desconfortável com quão parecida à da minha imaginação é a sua pequena família.

— Sim. Obrigada.

Volto pelo caminho por onde vim, caminhando mais depressa. *A fugir*. A fugir de quê? Não importa. Olho fixamente para o betão cinzento, depois para o céu cinzento. Uma montra mostra-me o meu reflexo: um rosto pálido e estreito, demasiado ossudo, com um queixo demasiado proeminente. Os olhos vazios, outrora de um verde-vivo, tornaram-se vidrados. Também eles parecem cinzentos. Devia fazer madeixas, dar mais vida ao meu cabelo loiro-escuro.

Uma sineta soa sobre a porta da loja ao lado, atraindo a minha atenção. Um casal de jovens senta-se em frente à montra, muito

sorridentes, com as mãos em torno de copos de café de papel. Entro e ponho-me na fila, uma vez mais perdida no anonimato da cidade.

Olho em volta. Nunca aqui estive, neste cruzamento, neste café. Ou talvez seja recente. O mundo tem mudado à minha volta durante o último ano e eu não tenho reparado.

A fila avança e eu deixo que ela me leve consigo. Tu terias detestado este sítio. A iluminação demasiado brilhante, o burburinho de umas trinta pessoas a conversar, o silvar do empregado a fazer espuma de leite, o zumbido do moinho. Pagar sete dólares por um café.

— Boa tarde. O que é que vai ser? — A mulher de sorriso muito aberto e rabo de cavalo loiro está um pouco desejosa demais de receber o meu pedido.

— Café. Simples, por favor. — Entrego-lhe o dinheiro, aceito o troco e sigo na fila, com os olhos postos num *scone* de arando e laranja. Tento lembrar-me se já comi hoje.

— Meredith? Café simples — soa uma voz.

Tiro uma das luvas para pegar no copo de papel e deixar que o calor se entranhe na minha pele enquanto analiso a divisão em busca de uma mesa vaga. Há apenas uma, perto da entrada, com vista para a rua. Pelo menos isso dar-me-á algo em que me concentrar. As pessoas enchem o passeio, turistas boquiabertos a olhar para os edifícios altos, com sacos de compras nas mãos, e residentes a resmungar enquanto são obrigados a ziguezaguear por entre eles. Centenas de pessoas vão e vêm em apenas alguns minutos. É um mar de ambiguidade, rosto após rosto, após rosto, até começarem a esbater-se.

Mas depois... há um lampejo de algo familiar. Um rosto que reconheço na multidão.

Inclino-me para a frente, ignorando a forma como a mesa se crava nas minhas costelas enquanto olho para o homem. Levo a mão ao peito quando o reconhecimento se transforma em consternação. E o meu coração dispara descontroladamente.

*Não pode ser ele.*

Poderá ser?

Pele morena, barba escura, magro. Ele sorri; lábios curvados enquanto fala ao telemóvel. Depois, *gargalhadas*, daquelas que lhe agitam o peito inteiro quando ele inclina a cabeça para trás, sorrindo para o céu. Este homem não iria rir-se, não *poderia* rir-se. Afinal de contas, ele passou por algo pior do que eu.

Aperto o copo com demasiada força e faço o café transbordar, queimando-me a mão. A dor irradia pela minha pele e baixo o olhar para a carne rosada.

Sabe bem. O ardor invade-me com uma estranha sensação de alívio.

Não é uma reação normal. Provavelmente irei passar horas a analisá-la até à exaustão, mais tarde. Mas, neste momento, a minha atenção volta à janela. *Ele* é muito mais interessante.

Em segundos, levanto-me da cadeira, atiro o café quase cheio para o balde do lixo mais próximo e saio pela porta oscilante. O homem caminha pelo passeio, pelos espaços entre os peões, levando a que seja fácil localizá-lo. Fácil segui-lo. Eu avanço.

É como seguir um fantasma.

A diferença é que não foi ele quem morreu.

Foram *elas*.

*Nós* estamos presos aqui. No limbo.

Eu. E ele.

Gabriel Wright. Da última vez que o vi, senti-me quase exatamente como me sinto agora. Dormente. Distante. Incrédula. *Aquela noite*.

Volto a enfiar a mão no bolso, procurando o teu porta-chaves para me ajudar a afastar as más memórias. Mas agora não tenho tempo para me acalmar, porque estou a ficar para trás. Por isso, acelero, vou atrás dele. O Gabriel vira numa esquina, de mãos nos bolsos. Está a sair de Gramercy, rumando a sul em direção a East Village. Não somos só nós os dois a ir nessa direção. Coloco-me atrás de três mulheres, com enormes sacos de compras pendurados nos antebraços como se fossem troféus que trazem de volta de uma caçada. Turistas. São o esconderijo perfeito para a minha própria caçada.

Quero saber o que ele está a fazer, para onde vai. Porque é que, de todos os lugares, ele está *aqui* e, acima de tudo — relembro-me do seu rosto a sorrir e a gargalhar —, se está *verdadeiramente* feliz. Feliz o suficiente para se rir. Para sentir alegria, depois daquilo que *tu* fizeste.

O Gabriel detém-se numa banca de jornais mais à frente. Uma multidão de funcionários de escritório engravatados invade o passeio ao sair de um edifício. Já passa das sete. Estou na rua desde o meio-dia, a andar. Devia ir para casa. Encomendar comida, arranjar uma forma de passar o tempo...

Mas não consigo afastar-me *dele*. Levo o telemóvel ao ouvido para tapar a cara quando ele olha em volta, à espera da sua vez. Levanta uma mão, usa o telemóvel para pagar um maço de tabaco, de uma marca com a embalagem branca, e guarda-o num dos bolsos.

Sou assolada por uma vontade de me aproximar. Ele provavelmente não me reconheceria. Nunca nos conhecemos, pelo menos não formalmente. Não. Apenas passámos por um inferno juntos, a algumas salas de distância.

*Tu* num dos quartos.

A mulher e a filha dele noutro.

Engulo o ácido que me sobe pela garganta, resultado de beber café de estômago vazio e do stress de seguir a passo rápido pelo passeio um homem de quem me deveria afastar.

O Gabriel mantém-se diante da banca de jornais por mais um momento. A sorrir novamente. A conversar com o homem do outro lado do balcão.

Dou um passo atrás, encosto-me à fachada de um edifício e pego num pequeno caderno, aquele onde anoto as minhas listas de tarefas. Há semanas, talvez meses, que não escrevo lá nada. Não faz sentido elaborar uma lista de tarefas quando não tenho nada para fazer. Mas agora escrevinho.

*Gabriel Wright.*

Confirmo as horas no telemóvel, como se tal se tratasse de uma informação essencial, e volto a escrever.

*Quinta-feira, 19h13.*

*Caminha pela East 15<sup>th</sup> Street. Para na banca de jornais no cruzamento.*

*Fumador.*

*Risonho. Sorridente. Feliz?*

Aquela última palavra dá-me que pensar. Nos dias que correm, a ideia de felicidade é como uma fábula ou um conto de fadas. Um sonho do qual todas as meninas que crescem em famílias problemáticas querem fazer parte, mas que, lá no fundo, sabem não passar de uma ilusão.

O Gabriel mostra um sorriso caloroso ao homem da banca e vai-se embora como se não tivesse nenhuma preocupação. Quero agarrá-lo e gritar: «Estás realmente feliz?» ou talvez «Sei que estás a fingir. Só o fazes melhor do que eu. Não é possível teres voltado a sentir-te completo. Não depois daquilo que *nós* te fizemos.»

*Não faz sentido.*

*Ele não faz sentido.*

A minha respiração prende-se quando ele acelera o passo. Tenho de continuar a segui-lo. Não, *preciso* de continuar a segui-lo. Pela primeira vez em meses, sou subitamente levada por uma sensação de propósito. Uma vontade surge dentro de mim, algo que poderia consumir-me por inteiro. *Como? Porquê?*

Olho para trás quando volto a entranhar-me na multidão e cruzo o olhar com uma jovem mulher com cabelo loiro comprido e uma pilha de livros nos braços. Parece estar prestes a dizer alguma coisa, mas depois percebo que só deve estar à espera de que eu lhe saia da frente. Tal como toda a gente nesta cidade exceto eu, está com pressa. Mas agora também eu tenho um propósito.

*Pela primeira vez desde ti.*

*Não sei para onde vou, nem o que irá acontecer quando lá chegar.*

*Mas sei que tenho de o seguir.*

# CAPÍTULO 2

## DANTES

— Quase me esquecia: tenho uma surpresa para ti. — Saí da cama e abri a gaveta da cómoda.

— Volta para aqui. — A voz do Connor estava rouca. Atrevida. — Também quero dar-te uma surpresa. Uma *grande* surpresa.

Ri-me e escondi a *minha* surpresa atrás das costas.

— Eu sei que ficaste muito transtornado quando perdeste o teu porta-chaves da camisola do Gretzky há umas semanas.

— O meu treinador deu-mo quando fiz 6 anos. Mostrei-o ao próprio Wayne quando o conheci na noite em que fui convocado para a equipa profissional. Ele disse-me que, um dia, as pessoas iriam andar com porta-chaves a camisola com o meu número.

Sorri e tirei as mãos de trás das costas, abrindo o punho.

— Bem, o Sr. Gretzky tem razão.

O Connor sentou-se na cama.

— Meu Deus. Onde é que encontraste isso?

— Mandei fazer.

Os olhos do meu marido encheram-se de lágrimas. Pegou na pequena réplica da sua camisola azul e vermelha dos New York Steel, com o número da sorte 17, e passou os dedos sobre ela.

— Tem um pequeno erro — referi. — Estás a ver aí no fundo, onde a tinta vermelha correu para a parte azul? Vou pedir-lhe que faça um novo, mas não podia esperar mais para to entregar.

O Connor sorriu.

— Isso não é tinta. Isso é o sangue do meu inimigo. Não mandes fazer outro. Adoro-o tal como é.

— A surpresa ainda não acabou. O tipo que o fez quer comprar os direitos de distribuição. Dei-lhe o número do teu agente e eles já estão a negociar o contrato. Ele quer começar por fazer *meio milhão*. Imagina todos os miúdos de 6 anos a andar por aí com este porta-chaves, com sonhos de um dia poderem ser como *tu*.

O Connor puxou-me para si, pousando a mão na minha face.

— Adorei. Obrigado.

Esfreguei o meu nariz no dele.

— De nada.

— Também tenho algo que te quero dar, Mer.

Sorri e revirei os olhos na brincadeira.

— Eu bem sei, seu espertinho.

— Ai, é? É assim? — De repente, fui levantada da cama e içada para o ar. Dei um pequeno grito e o Connor voltou a pousar-me no seu colo, com uma perna de cada lado. — Lembras-te do que te disse quando te pedi em casamento? — perguntou.

— O quê?

— Disse-te que, durante toda a minha vida, apenas quis uma coisa: ganhar um campeonato de hóquei. Mas que, a partir do dia em que te conheci, isso tinha deixado de ser suficiente. Precisava de três coisas: de ti, de um campeonato e de uma família. Tive a sorte de aceites casar comigo. Há seis meses, o meu sonho de ganhar um campeonato tornou-se realidade. Agora, tudo o que preciso para que a minha vida fique completa é de uma família. Quero ter um filho. Sei que viajo muito por causa dos jogos, mas vou deitar mãos à obra sempre que estiver em casa. Prometo. Queres ter um filho comigo, Mer?

Tapei a boca com a mão.

— A sério?

Ele assentiu.

— A sério. Sei que acabaste de conseguir que o teu consultório alcançasse o desempenho que querias. Portanto, se quiseres esperar, eu entendo. Mas estou pronto quando tu estiveres, amor. Estou mais do que pronto.

O Connor tinha razão. Eu tinha dado o litro durante os últimos anos, desde que me aventurara por conta própria. Trabalhara em dois hospitais e no centro de psiquiatria, aceitara os piores turnos de serviço para angariar encaminhamentos de pacientes. Não seria fácil dar um passo atrás neste momento. Mas haverá alguma altura ideal para se ter um bebé?

— Posso procurar um psiquiatra em *part-time* para dar uma mãozinha. Talvez outra mãe que queira voltar ao trabalho mas não possa fazê-lo a tempo inteiro, ou algo do género. — Acenei. — Eu arranjo uma solução. Nós arranjamos uma solução.

Os lábios do Connor curvaram-se num sorriso gigante e juvenil.

— Vamos ter um bebé — sussurrou.

Essa ideia deixou-me quase sem fôlego. Engoli em seco.

— Vamos ter um bebé.

— Quero um menino primeiro. Depois uma menina. Depois, mais três ou quatro meninos.

— Hã... acalma-te lá, homem. Isso são cinco ou seis crianças. Que tal começarmos com uma e vermos como corre? Isto vai mudar completamente a nossa vida.

— Como quiseres, linda. — Ele pôs-me uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Vai ser uma boa mudança. Não haverá nada além de dias felizes, para o resto das nossas vidas.

# CAPÍTULO 3

## AGORA

A parte mais difícil é entrar pela primeira vez.

Caminhar pelo corredor de portas fechadas, onde se escondem pessoas como eu, prontas para diagnosticar os problemas daqueles que lhes eram completos desconhecidos apenas uma hora antes. Doutores, mestres e licenciados, todo o tipo de títulos chiques agregados aos nomes. Sabia que ir ter comigo era difícil para os meus pacientes, mas penso que não entendia realmente quão difícil poderia ser. Até agora. Quando a doutora se tornou paciente.

Subo no elevador até ao terceiro andar. É como qualquer outro edifício de escritórios: carpete áspera e barata, paredes neutras, pesadas portas corta-fogo e demasiado silêncio. Paro em frente ao meu destino, o 302b. Enquanto contemplo a ideia de entrar, o meu telemóvel toca. *Jake* aparece no ecrã. O meu irmão. Carrego em ignorar, dizendo a mim própria que lhe ligarei de volta mais tarde. Ainda que saiba ser provável não o fazer. Ele quer ter a certeza de que eu estou bem, assim como todas as outras pessoas que me ligam de vez em quando. Mas o meu irmão conhece-me demasiado bem. Portanto, tento atender apenas nos dias em que me sinto melhor, quando é mais credível eu estar feliz. Se bem que, ultimamente, esses dias vão acontecendo cada vez com menos frequência.

Respiro fundo e guardo o telemóvel no bolso do casaco, voltando a olhar para a porta do consultório do meu novo psiquiatra. Lá dentro,

espera-me um homem que nunca conheci. Um desconhecido a quem devo contar aquilo que sinto. *Dr. Keith Alexander*. A sensação de enjoo viaja do meu estômago até à minha garganta, e ainda nem sequer abri a porta. Tenho as mãos húmidas e suadas. Limpo-as às calças de ganga, desejando que a turbulência dos meus pensamentos se acalme, tem de se *acalmar*.

Ontem, os meus pensamentos *eram* lentos. Dolorosamente lentos que nem caracóis. Demorei vinte minutos a preparar uma chávena de chá e uma hora a aprontar-me para sair de casa. Até para calçar os sapatos precisei de fazer um esforço. E agora estou tão elétrica como se tivesse emborcado uma dúzia de cafés.

*O Gabriel. Vi o Gabriel Wright.*

*E ele estava feliz.*

Mas não posso pensar nisso agora. Preciso de ser minimamente normal diante deste homem. Ele irá escrevinhar no seu caderno e dizer «Hum-hum» e «Fale-me sobre isso». Já o estou a imaginar: na casa dos 50 ou 60, cabelo grisalho, a fazer o seu papel.

A minha mão toca na maçaneta de um cromado polido, que claramente substituiu a original deste edifício encardido. Está fria. Hesito, com o estômago às voltas. Tenho *fome*.

Não me lembro da última vez que senti alguma coisa, muito menos fome. Até ontem.

Abro a porta e um homem de 20 e tal ou 30 e poucos anos olha para mim. Não é mais velho do que eu. Cabelo loiro-escuro, pele bronzeada e um sorriso aberto e acolhedor. Deve ser uma sexta-feira informal, porque ele veste calças de ganga e uma t-shirt azul que lhe assenta tão bem que se torna difícil não reparar nesse facto. Pousado na sua larga secretária está um caderno: uma agenda, ao que parece. Deve ser o assistente do Dr. Alexander.

— Olá. Tenho uma consulta às seis e meia.

— A senhora deve ser a Meredith Fitzgerald.

— Meredith McCall — corrijo-o. — Voltei a usar o meu nome de solteira, mas não foi alterado quando... — Deixo a minha voz

desvanecer. Se o assistente do Dr. Alexander não sabe os pormenores, não serei eu a fornecer-lhos. — Quando marquei a consulta — concluo.

— Ah. — Ele endireita-se, mostrando-me um sorriso acolhedor. — Bem, Dra. McCall, faça o favor de entrar.

Só quando passo por ele e entro no gabinete interior é que reparo que não está ninguém à secretária do canto. O Dr. Alexander não se encontra sentado no sofá de couro ou na poltrona a condizer. Porque o jovem que pensei ser o assistente é afinal o Dr. Keith Alexander. Um rubor sobe-me até à face.

Quantas vezes me confundiram com a assistente por ser jovem e atraente? Já perdi a conta. Além disso, ele não se assemelha àquilo que eu esperava. Como é que hei de *lhe falar* do sentimento avassalador de culpa que sinto ou sobre a falta que me faz o meu marido, ao mesmo tempo que desejo nunca o ter conhecido?

Solto um suspiro, sentando-me timidamente à beirinha do sofá. Em vez das paredes entre o branco e o creme do meu consultório, as dele alternam entre azul e cinzento. Uma moderna mesa de centro em branco e madeira assenta sobre um tapete persa. À distância, uma janela de vidro opaco capta a minha atenção. Durante o dia, deve banhar os seus pacientes com luz natural.

— Sou o Dr. Keith Alexander. Fico feliz por recebê-la hoje. — Ele senta-se à minha frente e cruza as pernas, com as mãos pousadas no colo.

O Dr. Alexander mostra-me um sorriso largo e acolhedor, mas não é ele que vejo: vejo-me a mim própria, a fazer precisamente o mesmo com os meus pacientes. Tirando a parte em que já não o faço. Não depois do que aconteceu. Por enquanto, o meu consultório faz o que tem a fazer sem mim.

Ele aclara a voz, puxando-me de volta à realidade.

— Quer um chá? Água?

— Não, obrigada. — Pouso a mala ao meu lado e deixo o casaco deslizar-me pelos ombros. Encontro o relógio atrás dele. São 18h32. Apenas mais cinquenta e oito minutos. Contraio os lábios num

sorriso que deve parecer-se mais com uma careta. — Ah, antes que me esqueça. — Abro a mala e tiro o papel que dobrara ao meio. — Tenho isto para o doutor assinar.

Ele inclina-se para a frente e aceita-o.

— O que é?

— É para o Departamento de Ética Profissional. O doutor escreve a data em que eu iniciei a terapia e assina. Tenho de começar até à próxima semana, portanto penso que isto os informa de que estou a cumprir o castigo.

O Dr. Alexander pega numa caneta da mesinha a seu lado. Desce os óculos para a ponta do nariz e lê o documento antes de escrever a data e o seu nome ao fundo da página.

— Aqui tem. — Devolve-mo e sorri. — E lamento que considere um castigo vir aqui. Prometo dar o meu melhor para que não se sinta assim.

— Eu... Não queria dizer...

Ele ergue a mão, como que a desvalorizar o assunto.

— Não faz mal. Eu compreendo. Provavelmente, eu sentiria o mesmo se me forçassem a fazer algo em vez de ser eu a fazê-lo de forma voluntária.

— Agradeço que tenha dito isso. Mas eu realmente não queria usar a palavra que usei.

— Não faz mal. Avancemos.

— Está bem.

Ficamos a olhar um para o outro durante muito tempo. É, sem dúvida, um silêncio desconfortável.

— Então... isto é estranho, não é? — pergunto. — Uma psiquiatra a fazer terapia.

— De todo. Na minha opinião, todos os psiquiatras deviam fazer terapia, pelo menos de vez em quando. Da mesma forma que temos uma consulta de rotina da parte física uma vez por ano, também deveríamos ter uma para a parte mental. — Ele toca na cabeça. — Como está a correr o seu dia?

Obrigo-me a esboçar mais um sorriso nervoso.

— Bem. E o seu?

— Muito bem, obrigado. Tem planos para o fim de semana?

Reprimo um suspiro. Ele está a fazer conversa fiada. A tentar deixar-me confortável antes de saltar para os assuntos sérios.

— Não — respondo. — É difícil... — *Fazer seja o que for depois do que aconteceu. Planear uma vida sem o meu marido. Sair da cama antes do meio-dia.* — ... fazer planos hoje em dia — digo, por fim.

— Entendo. — Pelo canto do olho, vejo-o a acomodar-se na poltrona e a mudar de tática. — Bem, vamos ao que interessa, então. Como é que se sente, depois da tragédia por que passou há sete meses?

*A minha tragédia.* Como se a minha vida fosse uma história de Shakespeare em vez do desastre que é.

A minha cabeça enche-se de ruído estático. Ainda estou a tentar habituar-me ao simples facto de acordar sozinha todas as manhãs. O salto do Dr. Alexander para o assunto sério é demais para mim, e demasiado rápido. Preciso de ter a certeza de que consigo manter-me à tona antes de começar a nadar.

Engulo em seco.

— Acha que podemos não falar do meu marido, agora no início?

Pronto, um pedido simples. Um desejo fácil de respeitar. Se um dos meus pacientes me tivesse dito isso, eu acenaria e seguiria em frente. E o Dr. Alexander faz precisamente isso.

— Está bem, então, o que é que fez hoje? Pode descrever-me o seu dia? — O timbre da sua voz é suave, gentil. Isso enerva-me e faz-me desviar novamente o olhar para o relógio: 18h35.

Mais cinquenta e cinco minutos.

— Como é um dia na vida da Dra. Meredith McCall?

— Então, hoje dei uma caminhada — digo. — Uma longa caminhada. É o que tenho feito todos os dias, ultimamente.

— E como correu? Foi a algum lugar interessante?

— Ao parque — respondo. — E fui ao café. — Paro antes de dizer o resto: *onde vi o Gabriel Wright pela segunda vez em dois dias e depois*

*segui-o durante uma hora. Talvez mais. Durante tanto tempo que quase cheguei atrasada a esta consulta.* — Depois fui às compras — termino, concluindo o meu dia com uma mentira.

— Compras de mercearia ou...? — O Dr. Alexander inclina a cabeça para demonstrar interesse.

— Andei só a ver as montras, basicamente. — Mais um sorriso forçado. A minha perna começa a tremer e eu levo a mão ao joelho para a fazer parar.

Ele tem uma caneta na mão e um pequeno caderno no colo. Ainda não o vi a apontar nada, como eu faço com os meus pacientes. Eu tiro montes de apontamentos.

Será que não está a escrever porque sabe que estou a mentir?

Talvez mentir não seja uma boa ideia. Talvez, tal como eu, ele consiga perceber quase sempre quando alguém está a mentir. E mentir é parte da razão pela qual aqui estou, não é? A pressão aumenta dentro de mim até eu perguntar:

— O que eu digo aqui é confidencial? Quero dizer, é óbvio que eu conheço as regras de confidencialidade entre médico e paciente. Mas o doutor tem de relatar os pormenores da nossa consulta à junta médica, dado terem sido eles a ordenar a minha vinda aqui?

É que verdade que na audiência assinei uma data de papelada sem ler. Talvez tenha perdido o meu direito à privacidade, tal como tantas outras coisas que perdi por *tua* causa. Talvez aquele caderno no seu colo não seja para tirar apontamentos da nossa consulta, mas sim para as notas sobre aquilo que terá de relatar sobre mim. Talvez...

— O que é dito nesta sala é confidencial. — A sua voz interrompe a minha cogitação. — Tenho de informar a junta médica se não comparecer às consultas, mas o que disser aqui é abrangido pelas normas de confidencialidade, tal como acontece com qualquer outro dos nossos pacientes.

Relaxo os punhos cerrados. Respiro fundo e recosto-me no sofá.

— Está bem. — Tomo a repentina decisão de que a verdade é a melhor opção. Pelo menos aqui, onde as palavras apenas farão

ricochete nas paredes deste consultório. — Fui fazer uma caminhada, mas depois não fui às compras. Passei o dia a seguir uma pessoa.

— Seguir? Quer dizer que alguém estava a indicar-lhe o caminho? Ou esteve a seguir uma pessoa sem que ela o soubesse?

— Sem que ela o soubesse.

Ele assente com a cabeça, mantendo o rosto inexpressivo: algo que ambos fomos treinados para fazer. Ultimamente, é a única cara que uso, dado que as expressões demonstram as nossas emoções e eu não pareço sentir nenhuma.

— Muito bem. E quem é essa pessoa que seguiu hoje?

— O marido de uma mulher morta.

A máscara do Dr. Alexander vacila e ele ergue as sobrancelhas. A caneta rodopia nos seus dedos, toca no caderno e ele escreve qualquer coisa antes de voltar a olhar para mim.

— Conte-me mais.

Desvio o olhar durante bastante tempo, contemplando as árvores ondulantes através da janela. Quando finalmente falo, não estabeleço contacto visual.

— O nome dele é Gabriel Wright. É o marido da mulher que morreu, o pai da criança que morreu.

O Dr. Alexander absorve o que eu digo em silêncio. Sinto o seu olhar fixo no meu rosto, mas não consigo olhar para ele. Pelo menos por agora.

— Hoje foi a primeira vez que seguiu o Sr. Wright?

Abano a cabeça.

— A segunda.

— Quando foi a primeira vez?

— Ontem.

— E porque é que o seguiu?

Encolho os ombros.

— Não faço ideia. Vi-o ontem no café. Foi uma surpresa, decididamente não era algo com que eu estivesse a contar. Ele parecia... feliz. Segui-o. Penso que talvez o tenha seguido hoje outra vez para ver se

teria sido um acaso, se o teria encontrado num momento específico em que ele tivesse recebido boas notícias, quem sabe? Estava curiosa para saber se, depois disso, ele voltaria à sua existência miserável.

— E estava? Miserável, quero eu dizer. Durante o resto do tempo em que o seguiu?

Abano a cabeça novamente.

— Ele parecia... normal. Mas isso não é possível.

— Porque não?

— Como poderia estar? Como poderia estar feliz depois de tudo o que perdeu? Há dias em que acordo transpirada, assombrada pela imagem que mostraram no jornal no dia seguinte ao acidente. Uma lona a tapar um pequeno corpo. Um peluche da Hello Kitty no chão, a um palmo de distância. Com que imagem acordará ele todos os dias? Perder uma criança inocente e o amor da sua vida? Ele pediu-a em casamento a meio da peça *Sonho de Uma Noite de Verão*.

O Dr. Alexander rabisca mais apontamentos no seu caderno.

— Se não lhe fizer diferença, gostava de voltar um pouco atrás. Li o seu processo, que a junta médica me enviou. Mas não entra em pormenores sobre a família ou as vítimas. Conhecia a família Wright antes do acidente?

— Não. Nunca nos conhecemos.

— Então, como é que sabe a forma como o Sr. Wright fez o pedido de casamento?

Levanto o olhar e cruzo-o com o do psiquiatra pela primeira vez.

— Pelo Google. O Gabriel Wright trabalha na Universidade Columbia. É professor de Inglês e especialista em Shakespeare. A informação sobre o pedido está na sua biografia. Ele refere-se a ela como sendo a sua Julieta. Hoje, sentei-me à sombra de uma árvore enquanto ele dava as suas aulas e li tudo o que me apareceu nas pesquisas. Foi assim que passei o tempo enquanto esperava.

O olhar do Dr. Alexander desloca-se rapidamente entre cada um dos meus olhos.

— Se nunca se tinham conhecido, como é que sabia quem era o Sr. Wright quando o encontrou ontem?

— Já o tinha visto. Na noite do acidente, eu estava no corredor do hospital quando um médico o informou de que a mulher e a filha tinham morrido. Ele deixou-se cair para o chão, em lágrimas. A memória do seu rosto é algo que nunca conseguirei esquecer. Mas ontem à noite, quando o segui até casa, também li os nomes nas caixas de correio na entrada do prédio para ter a certeza. Era ele.

— Muito bem. Portanto, ontem calhou a ver o Sr. Wright por acaso na rua e reconheceu-o. Seguiu-o porque ficou curiosa depois de o ver sorrir. Correto?

— Sim.

— E hoje? Como é que acabou a segui-lo?

— Voltei ao prédio dele de manhã cedo e esperei que ele saísse.

— Quão cedo?

— Isso importa?

— Não. — O Dr. Alexander sorri. — Se não se recordar, não é importante. Mas, caso se lembre, eu gostaria de saber. Isto, se não se importar de partilhar.

Inspiro profundamente e expiro.

— Saí de casa às quatro da madrugada e parei para comprar um café. Deviam ser umas quatro e meia quando cheguei ao prédio dele para esperar.

Ele escreve mais um pouco no caderno.

— Portanto, ontem seguiu-o porque presenciou o Sr. Wright a exibir sinais de felicidade. Queria saber se era algo momentâneo ou não, e parece ter encontrado a resposta. O que é que esperava descobrir quando o seguiu hoje?

— Não sei ao certo. — Abano a cabeça. — Acho que simplesmente não consigo acreditar que ele tenha seguido em frente. Por isso, fui em busca de fissuras na máscara que ele usa.

— Não existe um prazo específico para se ultrapassar algo. Tenho a certeza de que já aprendeu isso com os seus pacientes. Lidar com

a perda é uma experiência particular a cada pessoa. Todos fazemos o luto de forma diferente.

— Eu sei, mas...

O Dr. Alexander espera que eu prossiga, mas não o faço. Não consigo contrapor o que ele disse, porque tem razão. Pelo menos em teoria. É o que dizem todos os manuais. Cada pessoa recupera no seu próprio tempo. Ainda assim, eu sei, no fundo do coração, que o Gabriel Wright não pode ter seguido em frente. A aceitação faz parte do processo de lidar com uma tragédia, e a aceitação requer a capacidade de perdoar. Mas há coisas na vida que são imperdoáveis. O Dr. Alexander não percebe isso, ainda que pense perceber. É preciso vivenciá-lo para o perceber. E hoje não tenho a energia necessária para esse tipo de discussão.

Por isso, forço um sorriso.

— Tem razão. Todos somos diferentes.

— Acha que já conseguiu livrar-se daquilo que a levou a segui-lo?

Encolho os ombros.

— Provavelmente.

Mas uma pessoa que planeia parar de seguir alguém não se detém para comprar uma camisola preta e um boné mesmo antes de ir à consulta com o psiquiatra. Provavelmente também não compra uns pequenos binóculos.

— Dra. McCall?

Ouçó o meu nome, mas estou a olhar pela janela novamente, hipnotizada pelo ondear das árvores. É tão tranquilo observá-las. O meu consultório fica demasiado alto para ver as árvores.

Ele sorri de forma acolhedora quando eu finalmente desvio o olhar na sua direção. Não há um pingó de juízo de valor no seu rosto.

— Importa-se que a trate por Meredith, em vez de Dra. McCall?

— Esteja à vontade.

— Ótimo. — Assente com a cabeça. — Seja como for, Meredith, eu penso que, se ainda estiver curiosa sobre o Sr. Wright, deveríamos discuti-lo aqui, em vez de voltar a segui-lo. Além do óbvio, que seguir

alguém é ilegal e a Meredith já está em sarilhos coma junta médica, penso que está a brincar com o fogo ao envolver-se emocionalmente na felicidade do sobrevivente às vítimas do seu marido.

— O Gabriel Wright não é só uma das vítimas do meu marido.

O Dr. Alexander franze a testa.

— Quem é ele, então?

— Também é o marido das *minhas* vítimas.

# CAPÍTULO 4

## DANTES

— Olá, Irina. — Sentei-me no lugar do costume, a duas filas da barreira de acrílico, e tirei o cachecol que tinha ao pescoço enquanto procurava o Connor no ringue. Quando vi que estava a patinar, ileso, tornou-se mais fácil respirar.

A minha amiga olhou para mim e semicerrou os olhos.

— Estás bem?

— Sim. Só passei a manhã inteira com uma daquelas sensações estranhas. Não quero parecer dramática, mas é quase como um presentimento de um desastre iminente. Distraí-me disso a meio do dia, enquanto estava atarefada com os pacientes. Mas depois voltou quando vinha a caminho do estádio. — Deixei-me recostar na borda do assento. — É uma parvoíce. Eu sei.

— Não é uma parvoíce. Eu tenho essas sensações de desastre iminente a toda a hora.

— Tens?

— Sim, costumam acontecer dez minutos antes de os meus gémeos de 2 anos acordarem — respondeu a Irina, sorrindo.

Eu ri-me.

— Isso faz *todo* o sentido.

— Nunca chegas atrasada — disse ela. — Ficaste retida no metro? Eles têm tido problemas com os aparelhos de mudança de via a semana inteira. Esta manhã, fiquei retida por mais de uma hora.

O meu olhar seguiu o Connor enquanto ele ziguezagueava, com os patins a romper o gelo.

— Não. Não tive problemas no metro. O meu último paciente é novo e a consulta prolongou-se.

— Não tens um daqueles temporizadores? Como nos filmes?

— Tenho um relógio, mas quando alguém está perturbado e a debater-se com algo, não posso expulsá-lo. Por isso, nem sempre cumpro a hora prevista.

A Irina acariciou a barriga grávida de sete meses.

— Que merda. Eu expulsava-o. Se pudesse, até expulsava este aqui. Nos dias que correm, vivo uma batalha constante para não fazer chichi nas calças.

Ri-me e soube bem. Tudo estava *bem*. O jogo iria terminar, nós iríamos beber qualquer coisa e eu iria adormecer ao lado do meu marido depois de fazermos sexo para celebrar. Sim, mesmo depois de um jogo, ele tinha muita energia. O meu sorriso alargou-se perante a ideia.

— Por falar em batalhas — continuou ela. — Para não me sentir sozinha na minha miséria, quando é que tu e o Connor vão dar o próximo passo e começar a ter minipatinadores?

Hesitei, desfazendo o sorriso. Passo o dia inteiro a ter cuidado para não partilhar informações pessoais. Mas a Irina é minha amiga, não é uma paciente. Sentámo-nos lado a lado durante as últimas quatro temporadas. O marido dela é o Ivan Lenkov, colega e um dos melhores amigos do Connor, e a Irina e o Ivan mudaram-se recentemente para um apartamento no nosso prédio. Tínhamos vidas atarefadas, ela com a família sempre a crescer, e eu com o meu consultório, mas tentávamos arranjar tempo para jantar juntas pelo menos uma vez por mês, e assistíamos juntas a todos os jogos fora de casa aos quais não conseguíamos ir.

— Para dizer a verdade, deixei de tomar a pílula no mês passado. — Mordi o lábio inferior. — Estou entusiasmada. Mas também me sinto nervosa.

— Oh, uau. Bem, se os espermatozoides do Connor forem tão atléticos como o resto do corpo, é provável que já estejas grávida de trigêmeos.

Dei uma gargalhada.

— Não digas isso nem a brincar. Encaixar apenas um nas nossas rotinas já será desafio suficiente.

O rugido do público puxou a nossa atenção de volta para o jogo. O Connor patinava lado a lado com um defesa, o disco sob o controlo do seu *stick* com uma mão, enquanto a outra afastava o adversário. Sempre fiquei estupefacta com a quantidade de coisas que estes tipos conseguem fazer ao mesmo tempo, ainda por cima enquanto se equilibram sobre uma lâmina com três milímetros de espessura. O Connor deslizava pelo gelo como se fosse tão fácil como andar. Para ele, presumo que fosse.

Segundos depois, soou o apito a anunciar o intervalo. O Connor patinou para fora do rinque, seguindo os seus colegas de equipa, mas olhou na minha direção. Eu não conseguia ver-lhe a cara, mas tinha a certeza de que ele me tinha piscado o olho. Um calor espalhou-se por mim e eu acenei-lhe.

— Vocês os dois... — A Irina revirou os olhos. Eu não tinha reparado que ela estava a observar-me. — Ainda a fazer olhinhos um ao outro.

Guardo para mim a informação de que o meu marido, o homem com quem estava há quase uma década, também me enviara flores nesse dia só porque sim. Hortênsias roxo-escuras e cremes. As minhas favoritas.

Levantei-me.

— Queres ir passar o intervalo na *Suite*? — A *Suite* era o que chamávamos à Sala das Esposas, um lugar reservado às mulheres dos jogadores, ou a namoradas a sério que fossem convidadas por uma delas. Não era muito a minha cena. Mas a Irina gostava. Ultimamente, mais pela comida grátis do que pela companhia. E, para mim, havia vinho.

A Irina entrelaçou o braço no meu.

— Leva-me até aos folhados de salsicha, miúda.

Dezoito minutos depois, estávamos de volta aos nossos lugares. A equipa adversária estava a ganhar, e nós estávamos agarradas aos rebordos dos assentos, de pescoço esticado, desejando que os Steel voltassem a marcar.

Não tivemos de esperar muito. A outra equipa sofreu um penálti e a equipa do Connor voltou a tomar as rédeas do jogo. Com o resultado subitamente empatado e um jogador a mais na equipa, a assistência silenciosa voltou a ganhar vida. Eu e a Irina levantámo-nos. Eu estava em pulgas quando o Connor apanhou o disco. Ele deslizou pelo centro, com as lâminas afiadas dos seus patins a raspar gelo a cada passada. Quando alcançou a baliza, balançou o *stick* para trás.

Um defesa apareceu do nada, esbarrando contra o lado esquerdo do Connor com força suficiente para o atirar pelo ar.

— Connor! — O nome arrancou-se a si próprio da minha garganta.

O mundo entrou em câmara lenta.

O Connor voou pelo ar.

Apareceu outro defesa pela direita.

O Connor esbracejou, tentando preparar-se para a queda.

Mas a gravidade não espera por ninguém.

Ele embateu contra o gelo. Com força.

Uma perna esticada para a frente, outra estendida para trás, torcida de uma forma que uma perna não devia torcer.

O meu marido gritou, o seu pranto a repercutir pelo estádio.

O público ficou em silêncio.

Durante um segundo, não consegui respirar. Depois, corri em direção ao gelo.

Podia ser psiquiatra, o que era muito diferente de ser médica das urgências. Mas tinha estudado Medicina. E sabia o suficiente para perceber que daqui íamos diretamente para o hospital.

# CAPÍTULO 5

## AGORA

Passada uma semana, já conheço a rotina dele. Levanto-me cedo e começo a andar pelas ruas de Manhattan enquanto estas acordam à minha volta. Mas não me apresso. Vagueio sem rumo. Sei que tenho tempo antes de o Gabriel sair do prédio.

Café na banca da esquina. Folhear as notícias enquanto espero por um *bagel*. Ver as folhas em constante mudança passarem de amarelo a laranja a vermelho, um pouco a cada dia. Mastigo um *bagel* de centeio barrado com queijo creme e salmão fumado, e penso no Dr. Alexander, no seu conselho para que eu pare de perseguir o Gabriel. Não vejo isto como perseguição. Não propriamente. Não tenho más intenções. Só preciso de *saber*...

Engulo o que tenho na boca e paro, imaginando-o: o rosto do Gabriel, iluminado pela felicidade.

Preciso de saber que é real.

Embrulho o resto do *bagel* no guardanapo e atiro-o para o caixote do lixo mais próximo. O resto do meu café é atirado juntamente com ele, causando um estrondo satisfatório ao atingir o fundo. Há uma livraria duas portas mais à frente onde, depois de uma rápida olhadela para o relógio, decido entrar, pois o Gabriel só chega daqui a uns vinte minutos. A loja acabou de abrir e dois funcionários murmuram atrás do balcão enquanto arrumam livros. Passo por eles em direção à secção de autoajuda.

*Construa a Vida Que Quer.*

*As Regras de Ouro dos Casais Saudáveis.*

*Life Sucks. Get Used To It.\**

Eu poderia ter escrito este último...

O meu olhar fixa-se num expositor perto da caixa. Está meio vazio, tudo o que resta são cadernos de argolas de cores vibrantes. Arcos-íris, sóis e coisas desse género.

Pego num deles. Escrito na capa está: *Nunca é tarde para começar a escrever um novo capítulo*. Olho para ele, regressando ao mundo de antes, quando tinha os meus próprios pacientes. Quando lhes pedia para escolherem um caderno e escreverem nele todos os dias, como parte da terapia. O Dr. Alexander não me deu essa tarefa, mas fazer trabalhos de casa autoimpostos não pode fazer mal. Olho para a caixa, onde os dois funcionários estão a conversar, sem prestar atenção aos clientes. Tomo uma decisão precipitada e enfio o caderno dentro da mala. O meu coração começa a acelerar, o palpitar frenético do sangue a assomar-me aos ouvidos. Nunca roubei nada na vida. E tenho a certeza de que tenho umas centenas de dólares na carteira, já para não falar dos dois ou três cartões de crédito. Não sei por que raio terei feito aquilo, mas sinto que vou explodir a cada passo que dou em direção à porta. Quando saio, continuo a andar, quase a correr, até chegar ao fim do quarteirão, depois viro à direita e esgueiro-me para a entrada de uma loja que ainda não abriu. Depois, não consigo evitar. Sorrio. É uma sensação estimulante.

O meu coração demora alguns minutos a abrandar. Olho para o relógio, que me diz que está na hora. Portanto, vou em direção ao meu posto, à primeira paragem na minha excursão diária pela vida do Gabriel Wright. Ele sai mesmo à hora prevista, como é habitual.

É relativamente fácil não ser vista enquanto o sigo. A correria matinal das pessoas a caminho do trabalho, do ginásio, do metro é a minha camuflagem. Ele avança pelo passeio, com luvas de cabedal

---

\* *Life Sucks. Get Used To It*, que poderia ser traduzido como «A Vida É Uma Merda. Habitué-se», é um livro de Mahamed Zubair, nunca editado em Portugal. [N. T.]

calçadas e nada nas mãos, em direção a norte. Deixo-o passar, espero cinco segundos e vou atrás dele.

Passados uns minutos, sei para onde ele está a ir: para o mesmo sítio onde foi no dia anterior. Em vez de continuar em direção à Universidade Columbia, vira à esquerda uma vez e depois outra. Desta vez, paro do outro lado da estrada e levo o telemóvel ao rosto, virando-me parcialmente para o lado. Ele entra no edifício de tijolo vermelho com dezenas de pequenas janelas enfileiradas que é o Manhattan Mini Storage e desaparece para lá das portas de vidro. Acende-se a mesma luz de ontem. Desta vez, conto: a doze pequenas janelas da entrada. Ainda não me aventurei a segui-lo até lá dentro. Tenho demasiado medo de que ele me veja. Mas estou curiosa para saber o que é que ele faz lá dentro. Muitos nova-iorquinos têm armazéns de arrecadação. Dado o tamanho minúsculo dos apartamentos, é muitas vezes uma necessidade. Mas ontem ele veio de mãos a abanar e voltou de mãos a abanar. Estaria a arrumar caixas? A organizar coisas? À procura de algo específico? Presumo que, o que quer que fosse, não o encontrou. Talvez tenha sido por isso que voltou.

Levanta-se uma brisa, agitando-me o cabelo em frente à cara. Agarro-o, prendo-o perto do pescoço e arrisco-me a olhar para o céu. Tem estado nublado a manhã inteira, mas as nuvens escureceram. Com os edifícios altos à minha volta, é quase claustrofóbico; como se o céu pudesse cair sobre mim e eu não tivesse escapatória. Mas, pouco depois, o Gabriel aparece e o meu coração começa a bater da mesma forma que bateu quando enfiei o caderno na mala e saí da loja transformada em ladra. Mais uma vez, vem de mãos a abanar, dirigindo-se novamente a Columbia; apresso-me, para não o perder de vista.

Ele tem as mesmas aulas às terças e quintas, por isso, depois de entrar no edifício, sei que vai demorar duas horas até sair para a pausa de almoço. Encontro um banco e sento-me, tirando da mala o caderno que roubei e procurando uma caneta. À minha volta, os alunos caminham em direção às aulas, com pastas ao ombro ou mochilas

às costas. Poucos parecem estar vestidos apropriadamente para este fresco dia de outono.

De repente, sinto que estou a ser observada, um olhar constante, e olho para cima, à procura da origem. Mas há apenas um grupo de estudantes, irmãs de república, todas loiras oxigenadas, todas com camisolas iguais; não vejo ninguém a observar-me. Provavelmente, foi fruto da minha imaginação. Faz sentido eu sentir-me paranoica, tendo em conta aquilo que fiz na livraria e que estou aqui sentada à espera de que apareça um homem que não sabe que ando a segui-lo. Olho em volta mais uma vez, mas apenas vejo alunos espalhados pelo *campus* universitário.

Ponho esse pensamento de parte e escrevo sobre a última semana. Sobre ter visto o Gabriel no café e o ter seguido. Sobre perguntar-me quanto tempo ele aguenta a fingir que é feliz. Sobre a décima segunda janela do Manhattan Mini Storage e a Universidade Columbia, o vasto *campus* no meio de uma Manhattan eternamente lotada.

Quando o Gabriel desce os degraus, presumivelmente para ir almoçar, há algo diferente. Reparo nisso de imediato: a leveza dos seus passos, a inclinação do seu corpo, a tensão em torno dos seus olhos. Ele não vai apenas ao refeitório buscar uma sanduíche. Vai a *algum lado* fazer *alguma coisa*.

E eu quero saber o que é.

Cinco minutos mais tarde, abre a porta do restaurante italiano na periferia do *campus* e eu não consigo evitar: entro atrás dele. A minha pele arrefece, ficando arrepiada com a noção do risco que corro. Está escuro cá dentro, a luz é fraca e há plantas falsas aos cantos. Há mesas quadradas com toalhas vermelhas axadrezadas. Há mesas com bancos corridos e uma senhora à entrada uns dez anos mais velha do que eu.

— Pode sentar-se em qualquer mesa, querida. — Ela espera com a ementa na mão. Analiso a sala escura, tentando encontrá-lo. Depois, percebo que já passei por ele duas vezes, porque está sentado, de costas para mim, numa mesa do fundo ao canto. Em frente a uma mulher.

— Pode ser aqui, obrigada. — Sento-me na mesa mais próxima, uma mesa para duas pessoas, no meio do restaurante. Não é propriamente discreta, mas ele não consegue ver-me. Desde que eu mantenha a cabeça baixa, mesmo que ele saia antes de mim, nunca saberá que estive aqui.

— Precisa de tempo para ver a ementa? — Ela poussa-a à minha frente.

Olho para ela.

— Vou querer a salada *caprese*. E um copo de *pinot*, por favor.

Ela desaparece. Segundos depois, tenho um copo de vinho na mão. O vidro transpira de tão fresco e eu bebo um pequeno trago, olhando para a mesa do fundo. As mãos do Gabriel, de pele bronzeada, enrugadas por algum passatempo que o expõe frequentemente ao sol, gesticulam, e à sua frente está sentada uma mulher baixa com cabelo loiro, apanhado num rabo de cavalo. É jovem. Bonita de uma forma modesta. O seu olhar está seriamente focado nele.

Provavelmente é uma reunião com uma professora, sua colega. Talvez ela seja nova: isso explicaria a ausência de rugas na sua pele jovem. Ou pode ser uma amiga da família dele. Talvez até uma espécie de reunião de negócios, visto que ela está a olhar para ele de modo tão atento. Uma advogada ou contabilista ou...

Ele fá-lo novamente.

Inclina a cabeça para trás, com uma gargalhada profunda a escapar-lhe do peito, e ela sorri, claramente satisfeita consigo própria por ter obtido tal reação.

Bebo um longo trago de vinho e deixo que o seu sabor doce e ácido me deslize pela língua.

*Ele finge tão bem.*

Quem me dera fazê-lo melhor. Ainda mal voltei a conseguir comer, fazer algo além de me obrigar a manter-me à tona. Adoraria voltar a apreciar a comida, pedir uma entrada e sobremesa em vez de um único prato que sei que não vou conseguir comer. Mas, por outro lado, não mereço apreciar seja o que for depois daquilo que fiz.

**Uma história perturbadora e fervilhante  
que acompanha a entrada sombria  
de uma psiquiatra nova-iorquina  
numa perigosa obsessão.**

Depois de uma perda terrível, a psiquiatra Meredith McCall sente-se à deriva. Quando o seu caminho se cruza com o de Gabriel Wright, um homem com quem partilha uma ligação trágica, ela começa a segui-lo, desencadeando uma obsessão doentia por ele. Como é que ele pode estar tão bem na vida, quando a dela está completamente desfeita?

Contudo, quando, inesperadamente, Gabriel a consulta como paciente, sem fazer ideia de quem ela é, Meredith não consegue recusar-se a tratá-lo, apesar de saber que ao fazê-lo estará a ultrapassar todos os limites éticos e morais. Mas quanto mais ela se deixa enredar, mais a teia que os envolve se aperta. Até ao dia em que se veem confrontados com a dura realidade.

**«As reviravoltas não param de chegar em força,  
e serão poucos os leitores capazes de as prever.»**

*Publishers Weekly*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832507



9 789895 832507 >